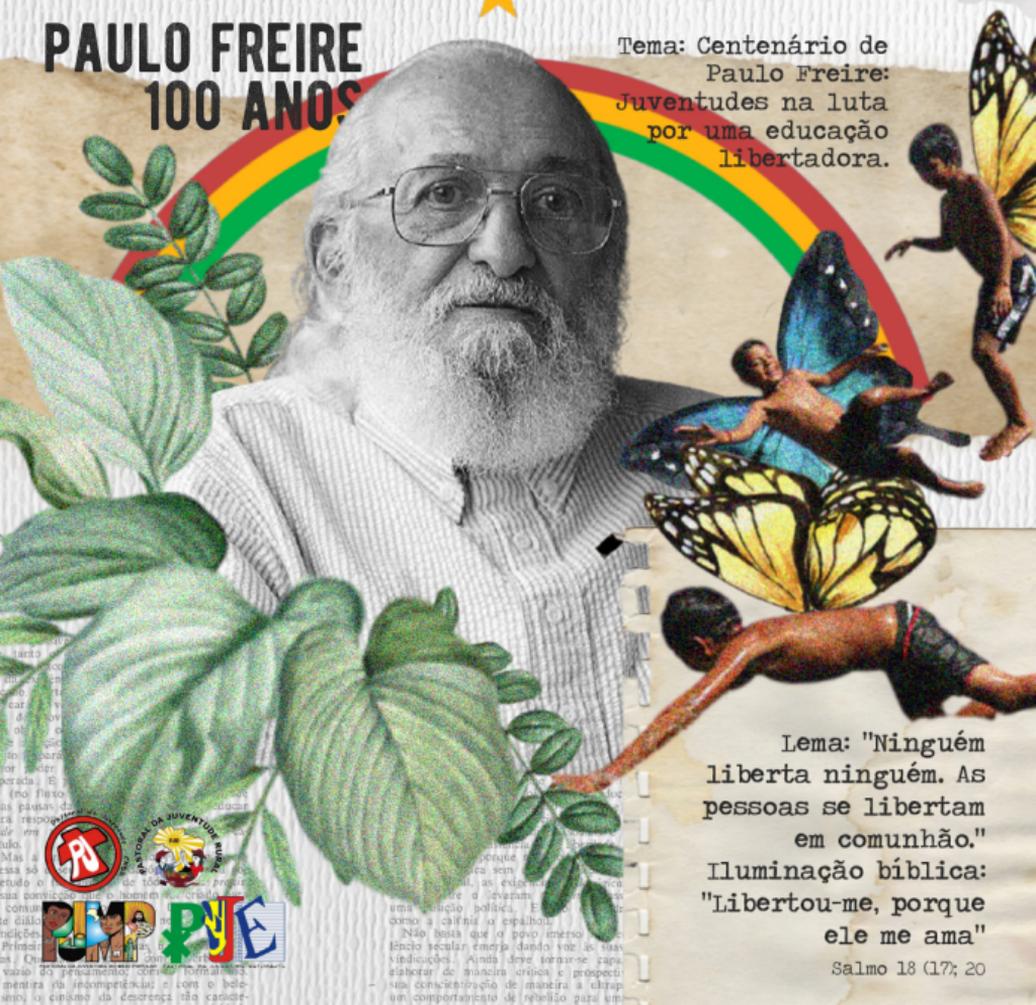


SEMANA DO ESTUDANTE

11 A 18 DE AGOSTO 2021

PAULO FREIRE
100 ANOS

Tema: Centenário de
Paulo Freire:
Juventudes na luta
por uma educação
libertadora.



Lema: "Ninguém
liberta ninguém. As
pessoas se libertam
em comunhão."
Iluminação bíblica:
"Libertou-me, porque
ele me ama"

Salmo 13 (17); 20



SEMANA DO ESTUDANTE (SdE)

11 a 18 agosto de 2021

Tema:

Centenário de Paulo Freire: Juventudes na luta por uma educação libertadora.

Lema:

"Ninguém liberta ninguém. As pessoas se libertam em comunhão."

Iluminação Bíblica:

"Libertou-me, porque ele me ama" Salmos 18 (17); 20

PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR – PJMP

PASTORAL DA JUVENTUDES ESTUDANTIL – PJE

PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL – PJR

PASTORAL DA JUVENTUDE - PJ

CRÉDITOS

FILIPE XAVIER

Secretário Nacional da
Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP

MICHELLE GONÇALVES

Secretária Nacional da
Pastoral da Juventude – PJ

DAVI DIAS

Secretário Nacional da
Pastoral da Juventude Estudantil - PJE

PAULO ROMÁRIO

Secretário Nacional da
Pastoral da Juventude Rural - PJ

EQUIPE DE ELABORAÇÃO E PRODUÇÃO

Filipe Xavier-PJMP; Carlos César-PJMP; Eduardo Brasileiro-Articulação Brasileira pela economia de Francisco e Clara; Michelle Gonçalves-PJ, Thalita Vasconcelos-PJ; Augusto Andrade-PJ; Jassiara Santos-PJ; Maciel Cover-PJR; Paulo Romário-PJR; Ana Carla-PJE; Ana Carolina-PJE e Maria das Graças-PJE.

EQUIPE DE REVISÃO

Filipe Xavier-PJMP e Michelle Gonçalves-PJ

EQUIPE DE DIAGRAMAÇÃO/ILUSTRAÇÃO/CARTAZ

Heloísa Nascimento-Pastoral da Juventude- Regional Sul 2

O QUE É A SEMANA DO ESTUDANTE?

A Semana do Estudante (SdE) é um momento de reflexão, oração, ação e celebração que as Pastorais da Juventude (PJ, PJE, PJMP e PJR) vivem durante uma semana, de modo especial, para as questões que envolvem educação e as lutas estudantis. A educação é essencial para sociedade como um todo quando o horizonte é a construção da Civilização do Amor, mas é constantemente ameaçada.

Integrando as Atividades Permanentes das PJs, assim como a Semana da Cidadania, a SdE é construída e organizada pelos/as jovens das Pastorais da Juventude e para os/as jovens, de modo que sejam protagonistas dessa construção coletiva, que ocorre anualmente (desde 2003) na semana do dia 11 de agosto, Dia Nacional do Estudante, data que é comemorada em razão da criação dos primeiros cursos de ensino superior no Brasil.

PARA QUE SEMANA DO ESTUDANTE?

"Ou os estudantes se identificam com o destino do seu povo, com ele sofrendo a mesma, luta, ou se dissociam do seu povo, e nesse caso, serão aliados daqueles que exploram o povo." (Florestan Fernandes)

A Semana do Estudante é comemorada pelas Pastorais da Juventude, e se constrói como uma reflexão coletiva de como ao longo da história do Brasil, poucas foram às vezes em que a juventude pobre, do campo e da periferia, esteve na centralidade da educação brasileira.

O ensino público nesse país do final do século XIX, nunca foi democratizado com as condições concretas necessárias para que a nossa juventude pudesse acessá-lo. É nesse contexto, que construímos a Semana do Estudante para estimular o debate nos grupos de jovens,

no que diz respeito, ao acesso e a qualidade do ensino. Ao longo desses processos temos refletido de como um projeto de educação pública, democrática e de qualidade são pilares estruturantes da sociedade do Bem Viver. Portanto, muito mais do que comemorar o dia 11 de agosto como o dia do Estudante, nós nos propusemos a exercitar, por meio, da educação popular a construção de uma educação que seja libertadora e emancipadora da nossa juventude.

ATIVIDADES PERMANENTES 2021

Todos os anos as Pastorais da Juventude (PJ, PJMP, PJE e PJR) realizam duas Atividades Permanentes, que são parte de sua ação no cuidado com a vida da juventude, ao modo de Jesus de Nazaré, e do processo de formação integral que desenvolvem com os/as sujeitos jovens. A Semana da Cidadania (SdC) e a Semana do Estudante (SdE) são realizadas como um processo, por isso são organizadas a partir do planejamento das ações das Pastorais no ano e têm os/as jovens como protagonistas.

São realizadas em sintonia com a Campanha da Fraternidade, com o Documento 85 da CNBB – Evangelização da Juventude, com o Projeto IDE da CEPJ, com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, com o Documento do CELAM – Civilização do Amor: projeto e missão, com o DoCat e com o Documento final do Sínodo dos Bispos sobre juventudes.

As Atividades Permanentes ajudam a compor a agenda, com as motivações e os desafios importantes para as ações pastorais com/dos jovens, no ano. Elas são espaços e oportunidades de formação, conscientização e mobilização.

Em 2021, as Atividades Permanentes apresentam várias formas de estar com Jesus de Nazaré. Neste caso, encontrar com Ele é também

encontrar com a comunidade, com o grupo, com a família, com a cultura, com a religião, com as dores do povo, do planeta, com as lutas, as conquistas e os sonhos dos/as jovens.

METODOLOGIA DAS ATIVIDADES PERMANENTES

As Atividades Permanentes (Semana da Cidadania e Semana do Estudante) desde 2020 vem se adaptando metodologicamente em suas estruturas e organização. Devido o contexto pandêmico, infelizmente ainda presente no cenário nacional brasileiro, as Pastorais de Juventude do Brasil (PJMP, PJ, PJR e PJE) preocupadas com os grupos de jovens que sempre realizam os encontros da Semana da Cidadania e Semana do Estudante, estão propondo novas formas de celebrar e refletir as temáticas. Em 2020, foram elaboradas transmissões ao vivo, encontros virtuais e vídeos, que ajudaram a desenvolver as Atividades Permanentes. O ano de 2021 não será diferente.

Dessa forma, o subsídio da Semana do Estudante 2021 não terá os encontros formativos, a modo que não estimule os grupos de jovens a se reunirem nas comunidades. Ao invés, terão textos formativos sobre o tema central e os eixos temáticos.

COMO ORGANIZAR A SEMANA

A Semana do Estudante (SdE) pode ser realizada de muitas formas, por muitos modelos de grupos e coletivos. O tema proposto é sempre um tema relacionado à vida dos/as jovens, por isso, sabemos muitas coisas a respeito dele. No entanto, com o subsídio, as Pastorais da Juventude apresentam mais do que o tema, trazem uma reflexão. Este subsídio propõe alguns modos de abordagem e questões, dados e ideias sobre o tema para o debate e a ação dos grupos. Ele nos ajuda a entender melhor alguns aspectos do tema e pode ser usado em

conjunto com outros materiais aos quais tenhamos acesso e com as informações que já sabemos a respeito do tema da SdE. Para que a SdE cumpra seus objetivos e seja oportunidade de formação e mobilização, é necessário planejar com antecedência e cuidado as atividades. Podemos começar pelo estudo deste material e de outros que possam nos inteirar do tema, formar as parcerias, planejar, realizar e avaliar as atividades e ações.

Neste ano, diante do atual cenário, a orientação é fazer a leitura dos textos individualmente ou coletivamente através de encontros virtuais.

SEMANA DO ESTUDANTE – 11 a 18 de agosto de 2021

Tema: Centenário de Paulo Freire: Juventudes na luta por uma educação libertadora.

Lema: "Ninguém liberta ninguém. As pessoas se libertam em comunhão."

Iluminação Bíblica: "Libertou-me, porque ele me ama" Salmos 18 (17); 20

Textos Temáticos:

1. PAULO FREIRE E PAPA FRANCISCO: SEMENTES PARA O FLORESCER DAS JUVENTUDES.
2. SEMANA DO ESTUDANTE: UMA PEDAGOGIA PARA A LIBERTAÇÃO
3. A PRÁTICA FREIRIANA COMO UMA REVOLUÇÃO NA EDUCAÇÃO NO CAMPO
4. CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE: JUVENTUDES NA LUTA POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA
5. A ESPERANÇA COMO POTENCIAL TRANSFORMADO

HISTÓRICO DA SEMANA DO ESTUDANTE

A Semana do/a Estudante ocorre sempre na semana do dia 11 de agosto, que é considerado historicamente o dia do/a estudante. Desde 2003, as Pastorais da Juventude do Brasil organizam atividades a serem realizadas, em âmbito nacional, para celebrar essa data e propiciar maior engajamento dos/as estudantes no que diz respeito às problemáticas de sua escola, do mundo da educação e da sociedade. Várias foram as temáticas discutidas desde que este dia começou a ser comemorado. Abaixo, os lemas e eixos trabalhados até então:

2003

Lema: "A beleza de ser um eterno aprendiz"

Eixos: Participação estudantil, cultura e lazer

2004

Lema: "Caminhando contra o vento, eu vou"

Eixo: Protagonismo estudantil, escola espaço de democracia

2005

Lema: "Eu quero paz. Eu quero mudança!"

Eixo: Protagonismo estudantil. Paz: fruto da educação e da justiça social

2006

Lema: "A minha escola tem gente de verdade"

Eixo: Protagonismo estudantil e segurança: garantia dos direitos sociais

2007

Lema: "Há que se cuidar da Vida!"

Eixo: Preservação da (bio) diversidade. Educação e participação estudantil

2008

Lema: “Juventude e o direito à dignidade”

Eixo: Identidade, participação e sentido da vida

2009

Lema: “Juventude em marcha contra violência”

Eixo: Sede de justiça, construção da paz e mobilização

2010

Lema: Juventude: muitas caras, muitas cores em marcha contra a violência. Cultura, nossa terra, nosso sonho

Eixo: Sentido de pertença, valorização e manifestação

2011

Tema: Juventudes Negras e Indígenas

Lema: “Dos tambores e cirandas à luta pela vida”

Eixo: Comunidades de Resistência

2012

Tema: Semana do Estudante: 10 anos sonhando e construindo a Civilização do Amor

Lema: No caminho da História, a opção por uma Educação Libertadora

2013

Tema: Juventude e Educação

Lema: Juventude do Campo e da Cidade: na luta pela educação que queremos!

2014

Tema: Estudantil na construção do Projeto Popular para o Brasil.

Lema: “Eu vou a luta é com essa juventude que não corre da raia à troco de nada”.

Iluminação Bíblica: “Vós sois o sal da Terra e a luz do mundo!” (Mt 5, 13-14)

2015

Tema: Juventude, Escola e Sociedade: Uma Ciranda de Vida

Lema: Democratização da informação em defesa da cultura de paz

Iluminação Bíblica: "Onde está o teu irmão?" (GN 4, 9)

2016

Tema: Juventude e direito à educação

Lema: Educação libertadora constrói nossa Casa Comum

Iluminação Bíblica: "E a Verdade libertará vocês" (Jo 8, 32b)

2017

Lema “Escola democrática: sem lado não dá

Iluminação Bíblica: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça” (Mt 5, 10a)

2018

Tema: A nossa escola não é mercadoria!

Lema: Garantia de direitos e promoção de dignidade

Iluminação Bíblica: “Todos os que ouviam a criança estavam maravilhados/as com a inteligência de suas respostas” (cf. Lc 2, 47)

2019

Tema: Nossa escola sem mordação, educação para a liberdade

Lema: “Liberdade, liberdade, és o desejo que nos faz viver” (Liberdade – Grupo Magis).

Iluminação Bíblica: “Vivam como pessoas livres, mas não usem a liberdade como desculpa para fazer o mal” (1 Pedro 2,16).

2020

Tema: Educação é um direito e não um privilégio!

Lema: A educação é o direito de todas/os e o dever do Estado (CF 88. Ar. 205).

Iluminação Bíblica: “Serás libertado pelo direito e pela justiça” (Isaías 1, 27)

TEXTOS TEMÁTICOS

PAULO FREIRE E PAPA FRANCISCO: SEMENTES PARA O FLORESCEM DAS JUVENTUDES

Eduardo Brasileiro¹

Em 2021 celebramos o centenário do educador Paulo Freire (Recife – 1921, São Paulo – 1997). Para nós juventudes, a memória e reflexão sobre Paulo Freire deve ter uma peculiaridade. Quero dizer que não se trata de pensar miudamente práticas específicas de educação com base nas ideias de Paulo Freire. Isto negaria o próprio Paulo Freire pela essência. Nada menos freiriano do que ser seguidor de ideias sem saber ser criador de espíritos. Trata-se de criarmos condições para estarmos pondo fraternalmente à prova a nossa própria capacidade de criar. De ousar mesmo. De abrir horizontes como um fertilizador do inusitado (BRANDÃO, 1992).

Freire é o pensador que inaugurou na América Latina e dela para o mundo que a Educação é caminho para a liberdade. Neste texto buscaremos aproximá-lo de outro latino americano, o Papa Francisco, que em 2019 convocou a sociedade global a pensar um novo Pacto Educativo Global. Tanto Freire como Francisco são animadores de que *a educação não transforma o mundo, educação transforma pessoas e pessoas transformam o mundo*. O Papa Francisco movido pela urgência de transformações que nossa Casa Comum precisa, pede um pacto de baixo para cima, das pessoas, organizações sociais até chegar nas tomadas de decisões globais. E eis que em 2021 na construção deste Pacto Educativo Global somos provocados pela memória rebelde de 100 anos de vida que Freire faria ou faz (afinal, está vivo em nós).

Paulo Freire propõe uma educação libertadora a partir da compreensão da realidade de cada um e cada uma. O Brasil nos anos de 1960 teve com ele importante luta contra uma educação que só se despejava conhecimento em cima do estudante e esse conhecimento

não se relacionava com a realidade vivida pelo mesmo. No lugar dessa 'educação bancária', Freire propunha uma educação libertadora pelos pilares do diálogo e da ação. O diálogo horizontal e a ação que nos leva ao compromisso coletivo de transformação do mundo foram pilares fundamentais absorvidos pelos movimentos populares e por educadores.

Educação Popular como prática libertadora

Essa concretização da educação libertadora em nossa prática pastoral deve destacar-se pela dupla compreensão que devemos fazer. Captar as noções subjetivas (os valores, a formação de cada um) e as objetivas (as condições concretas de vida e sobrevivência em que estamos mergulhados), e cruzá-las e complementá-las para entender a condição que nos encontramos. A potência da reflexão freiriana é sua perenidade nos corpos dos que já foram e dos que aqui estão. Há um senso de historicidade em todos que bebemos dessa reflexão, pois somos abraçados por um compromisso histórico de emancipação humana. A presença de Freire no corpo de educadores, pastoralista, lideranças comunitárias e sobretudo sua adesão pessoal ao "Cristo em sua transcendentalidade" que é quando Freire conta que foi trabalhar com camponeses nas periferias de Recife, movido pela lealdade ao Cristo, forja também nossa fidelidade ao Reino. Isso implica um forte compromisso de amor-visceral (FRANCISCO, 2015). Para Freire, a linguagem religiosa da misericórdia tem um objetivo educativo: a amorosidade. Educar para liberdade é um ato de amor e para amar é preciso coragem. Mas não basta uma boa intenção, é necessária uma pedagogia do amor que seja gerada a partir do processo de educação popular.

O que nos caracteriza na prática de educação popular é a possibilidade da recusa ao óbvio, a recusa àquilo que parece fatal. E, deste ponto de vista, estamos lidando com esta incapacidade de

desistir. Afinal, o ano é 2021, e em meio a uma pandemia vemos a realidade se desfazer em desemprego, fome, desamparo político-econômico e forte ideologia meritocrática-competitiva-acumuladora. Combater a “ideologia fatalista, imobilizante, que anima a sociedade atual” (FREIRE, 1996, p.22) exige que preparemos as pessoas ao combate as ideias desse mundo. Assim a leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 1996, p. 79).

A educação contemporânea possui atrasos históricos, mas há um elemento que se construiu nas últimas décadas em nós: a racionalidade neoliberal. Ela tornou-se um hábito que entre outras coisas aprofundou o projeto educacional brasileiro ao tecnicismo, a fragmentação do saber e a visão turva sobre a realidade. Sabemos, porém, que é mais fácil fugir de uma prisão do que sair de uma racionalidade. Porque isso significa se livrar de um conjunto de normas instaurado por meio de todo um trabalho de orientação. A racionalidade neoliberal constrói uma jaula de aço que ele criou para si. O único caminho prático é criar formas de contra-condutas.

O convite a contra-condutas é muito presente na pedagogia da ativista do movimento negro e feminista, a norteamericana Bell Hooks, uma grande seguidora de Paulo Freire. Hooks propõe ensinar a transgredir como construção de uma prática da liberdade. A educação como prática da liberdade não tem a ver somente com um conhecimento libertador, mas também com uma prática libertadora. Para nós, é como afirmar o Cristo Libertador, mas viver a reprodução religiosa de um Cristo todo-poderoso.

Por isso, transgredimos (HOOKS, 2017). Rebeldia é ponto de partida indispensável, porque é a deflagração da justa ira perante a injustiça, a desigualdade, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, que é anunciadora. A mudança no mundo implica entre

elaborarmos a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho (FREIRE, 1996, p.77).

Na pedagogia de Freire e Francisco: Uma nova economia e uma nova política

O pacto educativo global foi divulgado, não inocentemente, a partir de um antigo saber popular Africano: *“Para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira”*. Quem é essa aldeia inteira? Pensar essa “inteireza” é fazer como Paulo Freire fazia ao brincar com a palavras para desenhar novos cenários possíveis.

O grande desafio reside nessa compreensão do que é o inteiro, o completo, o integral. Existe realidades distintas sobre uma estrutura social única, onde todas reflexões apontam para uma revisão do projeto civilizador e a importância da energia revolucionária de se propor uma nova civilização. Por isso, a educação popular vai nos convocar a um mergulho no ser humano integral. O humano integral é um ser ecológico (FRANCISCO, 2015). Fruto da educação comunitária plural, grávida de expressões ancestrais, culturais e sociais. O ser ecológico é nosso encontro com uma economia da partilha, da política da solidariedade, da vivência-comunitária como percurso de aprendizagem para comunidades-inteiras. Comunidades onde se viva economicamente sustentável sem pessoas desempregadas e passando fome, onde a prática política é presente no areópago comunitário.

Esses dois irmãos-nossos latino-americanos, possuem a característica de chamar a educação como ferramenta do encontro. É o encontro efetivo com os corpos marginalizados e descartáveis que permite a *alfabetizar-nos pelo olhar do outro* (Pe. Júlio Lancelotti, 2020). Francisco a nomina como Cultura do encontro, pedagogia forjada no ato de viver a *proximidade* com os descartáveis, pelo *discernimento* coletivo e pela delimitação do *conflito*. Mover-se pela

solidariedade exigirá conflito, mas ao mesmo tempo, perfaz um novo corpo de uma política solidária em oposição a atual.

Um compromisso fundamental a ser abraçado pelas juventudes é se somar ao Papa Francisco para realmar a economia a partir de Francisco e Clara (FRANCISCO, 2020). Esses, foram jovens que souberam na altura da realidade que viviam propor uma dissociação de uma sociedade comercial/consumista e propor em Assis uma fraternidade universal a partir de novos parâmetros econômicos e políticos. Assim também podemos fazer se assumirmos nosso papel de educadores e educadoras: realmar as relações.

Francisco Freire são acendedores da brasa do comum. E nos presenteiam a chance de fazermos nós também *contra-condutas* que nos alimentam para enfrentamento ao capitalismo desenhando novas arquiteturas socioeconômicas. Ambos possuem uma dimensão dialógico com o seu tempo, movidos pela percepção ética forte do que entendemos como mutirão. Isto é, as mãos juntas são fortes porque são juntas, não porque são mãos. E a “*juntidade*” - para usar uma expressão que Freire usaria -, dessas mãos é que faz a força. É assim, que percebemos que o pacto educativo não nasce de nós, ele está vivo em nossas comunidades a partir do encontro com os coletivos culturais, com os Quilombos periféricos, com as organizações feministas, com as associações comunitárias, com as economias solidárias, entre outras, que emanam o sopro do Espírito de Deus e anunciam outros mundos possíveis.

Eduardo Brasileiro, mestrando em sociologia (PPGCS – PUC MG) e educador na periferia de São Paulo. Integra a Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC) e é membro da Coordenação Executiva da 6ª Semana Social Brasileira da CNBB. Compõe a Articulação Brasileira pelo Pacto Educativo Global e

participou do encontro “Educadores para a Cultura do Encontro com o Papa Francisco” em março de 2018 em Roma.

Bibliografia

FRANCISCO, Papa. **Misericordiae Vultus**. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html. Último acesso em 18 de julho de 2021

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**: Sobre o Cuidado da Casa Comum. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si_po.pdf. Último acesso em 10 de julho de 2021

FRANCISCO, Papa. **Carta do Papa Francisco para o Evento “Economy of Francesco**. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 62ª edição. São Paulo. Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Vídeo: Reflexão sobre Karl Marx e Jesus Cristo**. <https://www.youtube.com/watch?v=MF9-tZMwqjE>. Último acesso em 18 de julho de 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo. Martins Fontes, 2019

SEMANA DO ESTUDANTE: UMA PEDAGOGIA PARA A LIBERTAÇÃO

Em 2021, o Brasil tem a alegria de comemorar o centenário de nascimento do grande educador e filósofo Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira, que nasceu na cidade de Recife, em 19 de setembro de 1921. Paulo Freire ficou conhecido em vários países do mundo pelo seu modo de pensar e fazer educação que estava pautado a partir do chão que cada um vive, levando em consideração a leitura de mundo que o aluno tinha, respeitando suas vivências, cultura e o meio ao qual estava inserido.

A educação libertadora de Paulo Freire partia de uma educação que chegava a todas as pessoas que, por algum motivo não tinham acesso a educação pública. Na sua obra “Pedagogia do Oprimido” Paulo Freire nos convida a pensar em uma educação crítica, capaz de buscar transformações sociais, políticas e econômicas, pois a educação é um dos meios mais importantes para diminuir a desigualdade social.

A proposta da pedagogia freiriana parte da valorização do ser humano na sua totalidade, onde o educando era o ser mais importante, pois o ensino acontecia a partir da experiência de vida, de cada um/uma, e o conhecimento agregaria outras possibilidades de aprendizado que levaria à outras visões de mundo, transformando em sujeitos capazes de modificar o meio ao qual estavam inseridos, partindo assim de uma educação que liberta das situações opressoras presentes na sociedade.

Não podemos falar de Paulo Freire, sem falar do primeiro e maior educador, Jesus Cristo, que tinha e ainda tem o poder de transformar vidas a partir dos seus ensinamentos. O Jesus educador também tem práticas libertadoras, na qual acolhe, ama, ensina e envia o ser humano como agente transformador do meio ao qual se encontra.

Tendo presente Jesus como grande mestre, que ensinava a partir da realidade e de diferentes contextos e Paulo Freire como um grande exemplo nos processos de ensino aprendizagem, reforçamos e reafirmamos a importância de uma educação libertadora, comprometida com o cuidado com a vida e solidária com as diversas situações de dificuldade e exclusões que tomam conta da sociedade.

Que possamos sonhar juntos com uma educação mais humana e que transforma pessoas e pessoas capazes de transformar realidades. A PJE segue acreditando no protagonismo juvenil e trilhando caminhos que realizam sonhos em busca da transformação da sociedade pela educação. Vamos juntos construindo pontes pela educação libertadora, humanizadora e solidária.

A PRÁTICA FREIRIANA COMO UMA REVOLUÇÃO NA EDUCAÇÃO NO CAMPO

Maciel Cover¹

É notável a importância dos camponeses na prática pedagógica de Paulo Freire. Seja no Brasil, com as campanhas de alfabetização, como a exitosa experiência em Angicos/RN, seja no Chile, na sua experiência de trabalho nas áreas de reforma agrária, os camponeses e camponesas jogam um papel importante nas reflexões deste educador.

É importante termos a consciência de que a educação, por mais que se apresente como um direito universal tem acesso desigual por parte da população. Em termos históricos, a população trabalhadora do campo figurou por muito tempo nos índices de analfabetismo e de reduzido acesso a escolarização nos diferentes níveis. Neste contexto Paulo Freire desenvolve uma metodologia de alfabetização que propõe

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e Assessor Nacional da PJR

a leitura da palavra precedida pela leitura de mundo. Aprender a escrever letras, palavras e frases é um ato mediado por uma relação social. É coerente, portanto, aprender a dominar os signos da língua escrita e conversar simultaneamente sobre as práticas de dominação presentes no mundo dos jovens e adultos do meio rural latino-americano.

As críticas à “educação bancária” se endereçam também às práticas autoritárias, não dialógicas, presentes dentro e fora do ambiente escolar, como também, nos demais espaços de socialização e realização da vida pública. O autoritarismo se consolida com a ordem de alguns que se impõem ao silêncio dos outros. Parte da ideia de que uma parte é sujeito e a outra parte é objeto. O autoritarismo é o oposto do diálogo. A relação pedagógica de aprendizado pressupõe o diálogo como forma de humanização. Com o diálogo as duas partes se humanizam, as duas partes são sujeitas da história, tanto a que ensina como a que aprende.

O que atualmente chamamos de Educação do Campo, uma proposta de educação que tem os camponeses e camponesas como protagonistas de seu processo de aprendizado, carrega consideravelmente a perspectiva de educação sistematizada por Paulo Freire. Os movimentos sociais do campo, criados no período de redemocratização do Brasil nos anos 1980, pautam em suas lutas o direito a educação; demarcam em suas intervenções a necessidade de escolas e universidades nas áreas rurais. Muito além do acesso à educação, a reivindicação busca também uma proposta pedagógica que respeite os saberes das comunidades tradicionais e que se fomente o diálogo com os saberes acadêmicos, tão importantes para a humanidade, que precisam ser democratizados. O diálogo é uma marca que perpassa a proposta pedagógica da educação do campo. Saberes diferentes que se encontram e possibilitam, respeitosamente,

a construção de novos saberes que propiciem qualidade de vida a população camponesa.

Pensar a revolução, com inspiração em Paulo Freire, implica em não somente na distribuição dos capitais econômicos. A distribuição das terras, das casas, dos frutos do trabalho para quem tudo produz é um pressuposto fundamental do processo revolucionário. Importante também é construir novas relações humanas, de cooperação, de diálogo, de respeito. No diálogo todos podem sair ganhando. O processo educativo é relevante para que os oprimidos, a margem do acesso aos direitos, se tornem protagonistas. A educação não problematizada pode correr o sério risco de criar opressores, e isso não é coerente com um processo de construção de uma sociedade justa e igualitária.

CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE: JUVENTUDES NA LUTA POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Carlos César de Oliveira²

*Comungar é tornar-se um perigo, viemos pra incomodar
Com a fé e a união nossos passos um dia vão chegar*
Irmã Cecília V. Cartilho

O ponto de partida é a comunhão. Afinal, educar é comungar saberes, é partilhar, *estar com* e *entre* pessoas. É um ato de solidariedade, de colocar-se a serviço das outras pessoas, num processo que rompe com as amarras do individualismo e da opressão. Nesse sentido, a comunhão – para além de um ato de receber – é um convite para revestir-se, reinventar-se, reencontrar-se consigo mesmo, pensando nesta relação com outras pessoas. Nisto explica, por exemplo, a ideia de que “as pessoas se libertam em comunhão”. Em comum união, com-união, com as outras pessoas. E qual a relação entre tudo isso e a educação? Paulo Freire, ao tratar da educação traz sempre uma ideia de comunhão: “Esta busca do *ser mais*, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos” (FREIRE, 2013, p. 74-75).

A comunhão, associada à educação, dá sentido à busca, ao encontro, a troca de saberes e de experiências. Sem ela não há diálogo, pois este implica em um ato de comunhão – não no sentido de concordar com o outro – na relação “eu-tu”, NÓS, na escuta e no respeito ao outro, é um “fazer com”, tornando-se parte e sujeito do processo. Mas, e a “busca do *ser mais*”, o que ela significa? O que quer dizer? Em

² Doutorando em Educação (PUC Rio), Educador Popular e Assessor Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP)

comunhão com as falas e os anseios das juventudes, que se organizam em comunhão, destaque que o *ser mais* consiste nesse processo de descoberta, da/o jovem ir construindo sua autonomia à medida que se engaja, que participa de diversos espaços, na escola, na igreja e na sociedade.

Contudo, é preciso esclarecer que o *ser mais*, neste contexto, resulta de um processo de tomada de consciência, de desvelamento da realidade e das contradições que nela existem e que afetam, especialmente, as classes populares e suas juventudes. É, ao mesmo tempo, um movimento contrário à ideia do “ter mais”, “ser mais”, numa perspectiva capitalista, por meio da qual as pessoas esquecem da comunhão, em detrimento do individualismo, da ganância, da arrogância. Há, porém, pessoas oriundas das classes populares, que se revestem de individualismo e arrogância – seja pelo saber ou pelo dinheiro – fazendo aflorar o opressor que existe dentro de si, como sugere Paulo Freire coloca em Pedagogia do oprimido. Diante disso, num convite a pensar, apresentamos algumas questões inquietadoras: as suas práticas, as suas falas, estão a favor ou contra a opressão? Como tem se dado a sua atuação no grupo de jovens, na escola, na igreja e na sociedade, de forma individualizada ou em comunhão? Que ações o grupo de jovens vem desenvolvendo em busca do *ser mais* autônomo, solidário, humano?

Pois bem, estas indagações ressaltam que uma educação libertadora pode acontecer em vários espaços, porém a comunhão de ideias e o diálogo são imprescindíveis à mesma. Refletiremos um pouco sobre estas questões nos dois relatos abaixo, um voltado para a escola e o outro para a atuação nos grupos de jovens, por serem dois espaços que apresentam grande contribuição na educação das juventudes

Relato 1 – Onde não há diálogo, não há comunhão

Todas as aulas, a mesma coisa. O professor chega na sala, faz a chamada, passa o conteúdo no quadro, ou lê os slides que traz

para a aula e a gente copia, quando não fotografa. A aula parece um monólogo, onde o professor fala e nós escutamos. Ele doa o seu conhecimento e a gente recebe. A questão é que como a gente não o entende, não recebe o conhecimento que ele traz, e passa pela aula como poeira ao vento. Mas, também, o conteúdo é uma coisa tão distante da nossa realidade. E o pior é ter que fazer um resumo daquilo tudo. Ter que repetir, fingindo que entendeu o que ele estava falando. Por outro lado, entendo que o resumo é o nosso ato de fala, enquanto que na aula é preciso fazer voto de silêncio (Ester).

Relato 2 – A introjeção do *ser menos/do saber menos*

Quando eu vou para os encontros do grupo de jovens, eu acho muito legal. Tem umas pessoas que falam tão bonito, com tanta convicção. Mas eu não falo nada. Tenho receio do que vão pensar, afinal eu não tenho tanto tempo de atuação. Acho que ainda não sei o bastante. Além disso, noto que às vezes que quando falo alguma coisa, quando discordo, meu nome fica na berlinda, passo a ser alvo de muitas críticas, apenas por saber diferente. Eu acho que falta solidariedade. Assim, acabo contendo a minha vontade de falar, silêncio, pois sinto que não estou preparado. Então é melhor ficar só escutando (Isaias).

Os dois relatos apontam para situações concretas, vivenciadas no cotidiano. Você já viveu, viu ou ouviu alguma situação parecida? Por que esse tipo de situação acontece, seja na escola ou fora dela? Como podemos contribuir para que os processos formativos valorizem os diferentes saberes, a partir da comunhão entre pessoas? Dito isso, gostaria de ressaltar que os relatos nos apontam para o que Paulo Freire chamou de “educação bancária”, que consiste em uma educação pautada na repetição, no assujeitamento, na obediência, na mera “transmissão” de conhecimentos (tal qual temos visto, hoje, por meio das redes sociais). O mero ato de transmitir, sem diálogo, sem

participação, pode resultar em uma prática bancária, ou seja, contrária a uma educação crítico-libertadora.

Mas afinal, em que consiste uma educação libertadora? Olhando para os relatos, vamos pensar o seguinte: no primeiro, uma educação libertadora seria aquela em que o professor apresenta os slides, ou anota o conteúdo, e vai debatendo com as/os estudantes. Ele não traz respostas prontas, mas convida os estudantes a pensar, a problematizar, estimulando a curiosidade. Uma educação libertadora é aquela que problematiza a realidade, que busca desvelar os problemas, que olha para o contexto local, como forma de ler o mundo. Uma educação libertadora busca o diálogo, e não o monólogo, valoriza a troca de saberes, que traz as experiências das/os estudantes para a aula. A propósito, você já parou para analisar a sua experiência e aprender com ela? Ela está sempre atravessada por outras experiências, com as quais temos muito o que aprender.

No segundo relato, estamos diante de um paradoxo – saber mais x saber menos – que, muitas vezes, silencia os jovens. Por esse motivo é importante pensar os espaços formativos, e colocar-se sempre numa posição de “aprendentes”, como sugere Freire. Nisto, a linguagem, a forma como nos expressamos, pode se tornar um instrumento a serviço da opressão e do silenciamento de outras pessoas, daí a importância de metodologias que estimulem a interação entre os sujeitos e a troca de saberes. Para tanto, o uso de artefatos da cultura local, as múltiplas linguagens (imagens, audiovisual, poesias, músicas, filmes) e a atividade criativa podem ser imprescindíveis, não somente no que se refere à interação e ao diálogo, mas também como uma forma de ampliar o seu olhar sobre a realidade, compreendendo o seu papel na sociedade.

A partir disso, é importante dizer que uma educação libertadora implica em uma educação comprometida com a participação, com a formação de um pensamento crítico: é, portanto, um ato político,

conforme afirmou Freire. E as juventudes têm, neste contexto, um papel fundamental nas lutas pela educação. Ao longo do século XX e início do século XXI temos visto jovens presentes nas lutas pelo direito à educação. Isso, sim, é luta pela libertação. Por isso, é preciso, a cada dia, questionar os modelos e as políticas educacionais: estão a serviço de quem? Do opressor ou do oprimido? No contexto de uma sociedade, como a sociedade brasileira, classista, o modelo de educação busca a manutenção ou a transformação da sociedade? Enfim, a comunhão de ideais, a união de forças se torna imprescindível, daí a importância de as juventudes ocuparem os diversos espaços na sociedade, assumindo-se sujeitos a serviço da transformação social: todas/os pela educação pública, gratuita, laica, equânime e de qualidade.

A ESPERANÇA COMO POTENCIAL TRANSFORMADOR

“Há uma esperança, não importa que nem sempre audaz,
nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um
de nós.”

(Paulo Freire, *Pedagogia da Esperança* - 1992)

Paulo Freire escreveu o livro “Pedagogia da Esperança” em 1992 como um reencontro ao livro “Pedagogia do oprimido”, esse que ele cita que “*Ninguém liberta ninguém, as pessoas se libertam em comunhão*”. Ele havia retornado após longos anos de exílio durante o período da Ditadura Militar, depois do golpe de 1964. Escrevia num período de redemocratização, em um país que carregava duras marcas da violência e da repressão. Um país que durante muito tempo não sabia o que era viver em plena liberdade. Como era possível falar de esperança após vivenciar tanto sofrimento e injustiça? Como acreditar que ainda era possível acreditar no potencial transformador da sociedade por meio da união do povo, após ser duramente repreendido?

A vida e obra de Paulo Freire seguem sendo extremamente atuais e necessárias. Neste momento em que enfrentamos sérias ameaças à democracia e aos direitos fundamentais, Freire nos inspira a não achar que sonho e utopia são inúteis em meio às ameaças que temos enfrentando. A esperança é o elemento principal capaz de transformar a sociedade. Para ele, a esperança não era pura teimosia mas um “imperativo existencial e histórico”. Diz isso para explicar que a esperança é quase um dever de quem está na luta, afinal, ninguém luta se não acredita no seu potencial de transformação, ninguém luta sem ter conhecimento da história e os pés firmes na realidade vivida.

A tarefa da educação não é puramente analisar criticamente os fatos da nossa realidade, mas além disso, elaborar possibilidades de enfrentar os obstáculos dos nossos tempos. Paulo Freire revolucionou a educação, rompendo com o método tradicional e propondo uma metodologia que além de ensinar a ler e escrever, possibilitasse enxergar a realidade e o lugar de cada pessoa no mundo. Os caminhos de esperança que Freire propôs inspiram uma nova prática educativa, que surge a partir das realidades e necessidades dos indivíduos, promovendo de maneira concreta uma educação libertadora e a possibilidade de transformação da realidade.

A juventude em sua essência apresenta características singulares e ao mesmo tempo plurais, trazendo consigo elementos fundamentais para a boa convivência social, pautados na harmonia, no amor, na criatividade, e na dedicação. A partir desta constatação podemos reconhecer e afirmar as belezas, compromissos e horizontes das juventudes, deixando-se apaixonar e identificando-se como tal, e partindo da compreensão dos fatos que a constitui como autonomia, liberdade e independência.

Desde cedo é preciso estabelecer processos educativos que dialoguem com as diversas realidades sociais nas quais a juventude está inserida. Diante do contexto vivido e o fato de que a educação oferecida nem sempre dialoga com essa realidade, não há espaço para uma postura desmotivada e que não busque uma mudança nas estruturas. Freire aponta que só a radical, ousada e profética mudança de mentalidade e na prática educativa, nos proporcionará reais caminhos de esperança e transformação. Então, que a exemplo dele possamos acreditar na atitude transformadora e revolucionária, motivada pela esperança inquieta que está presente dentro de cada um e cada uma de nós.

CONTATOS

PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR – PJMP

Site: www.pjmp.org.br

E-mail: pjmpsecretaria@gmail.com

PASTORAL DA JUVENTUDE – PJ

Site: www.pj.org.br

E-mail: secretarianacional@pj.org.br

PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL – PJE

Site: www.pjebr.org

E-mail: pjebrasil@gmail.com

PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL – PJR

Site: www.pjrbrasil.org

E-mail: secretariapjrbrasil@gmail.com www.pjebr.org

